

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS	GUMARÃES	TODA A CORRESPONDENCIA
Anno 300	DOMINGO 20 DE MARÇO DE 1887	Deve ser dirigida á
Com estampilha 360		REDACÇÃO

OS CONSELHOS DA MAMÃ

CONTOS SEM ARTE

(ÀS LEITORAS DO *Bijou*)

I

BÈBÉ

(CONCLUSÃO)

O PAPÁ, depois que a mulher morrera, tinha ficado alguns dias no seu quarto, e Bébé via-o ao jantar. Sentadinha ao lado d'elle, na sua cadeirita de braços, Bébé olhava-o com uns ares receiosos e ás vezes ousava mesmo aproximar-se-lhe, e com nm modo muito tímido dizia-lhe— Papá, eu sou muito tua amiga, muito. E o pae, então, beijava-a, fazia-lhe umas meiguices, mas voltava a encerrar-se no seu quarto.

Passou-se assim algum tempo até que o pae de Bébé voltou ao seu modo de viver anterior: abandonava a casa pela manhã, e só recolhia a ella á noute, muito tarde. E entretanto Bébé brincava; lembrava-se ás vezes da mamã, que tardava tanto, e então ficava triste ! muito séria ! E se ao menos o papá lhe fizesse companhia, mas não, elle deixava-a só com as creadas, que eram amigas d'ella,

mas que não era como se fosse o papá ou a mamã !

Um dia em que Bébé se lembrára muito da sua mamã, quando á noite a creada insistia muito com ella, para que se fosse deitar, Bébé em vez de fugir, indo deitar-se no sophá, deixou-se ficar sentada n'uma cadeira, dizendo que não tinha somno, mesmo nenhum. A creada ameigou-a, mas nada conseguiu.—Que não tinha somno, que queria esperar pelo papá, repetia sempre. E esperou; passava de meia noute quando o papá entrou em casa. Vinha taciturno e ficou surprehendido ao ver a filhita ainda acordada.—Porque não te deitaste, Bébé ?—perguntou elle, e a pequenita, toda tremula, respondeu baixito—que não tivera somno. O pae entrou no quarto, tirou o paletot, e bastante preocupado foi sentar-se n'uma cadeira. Bébé bem via que o papá estava muito zangado, mas não queria sahir d'ali. Andando nas pontinhas dos pés para não inquietar o papá, Bébé foi buscar uma cadeira, subio a ella, e sempre a olhar para o pae com receio de que elle se zangasse, foi, muito a medo, sentar-se nos joelhos d'elle. O pae, sempre absorto nos seus pensamentos, encostou a creança contra o peito apertando-a com affecto. Bébé percebeu isto, o olhar illuminou-se-lhe, abriu então os bracitos e enleiaro o pescoço do papá disse-lhe beijando-o : —Sou tão tua amiga, papá, e tu foges-me ! Olha que a mamã dizia-me sempre que tu eras bom, que eras muito meu amigo; e fez-me prometter-lhe

que havia de ser sempre tua amigui-nha, muito, muito.—As palavras da creança despertaram o pae da sua abstracção, e estremecendo, perguntou a Bébé :—Dizia-te isso a mamã, minha filha ?—Dizia, papá, dizia, e eu não o heide esquecer nunca—.

O infeliz jogador cahira em funda meditação, que sem duvida o faria sofrer muito, porque a expressão da sua phisionomia tornou-se dolorosa; chegou até a suspirar. Em que pensava elle ? Teria remorsos do isolamento em que deixára viver a sua pobre mulher, aquella meiga creança que elle jurára tornar feliz e que morrera amando-o, apesar do muito mal que elle soubera apreciar-a ? Ou pungil-o-ia ainda o remorso ao reconhecer que o patrimonio de sua filha estava tão reduzido por causa da sua louca paixão do jogo ? Quem pode adivinhar que dolorosas recordações, que pungente remorso iriam acordar a voz maviosa de Bébé ? E scismou, scismou muito tempo ! . . .

Quando voltou a si e olhou Bébé, reconheceu que ella adormecera em seus braços, muito tranquilla, muito risonha. Então, com mil cuidados, foi deital-a na sua cama, beijou-a com immensa ternura, e pousando a mão sobre a cabecinha do anjo adormecido, disse com voz solemne :—Não jogarei mais ! Juro-o, meu Deus, pela memoria sagrada da santa que desconheci.

Vieira.

VIRGINIA D'ABREU.

RETRATO D'UMA SENHORA

(A pedido d'uma sua amiga)

Retratará menos mal
O rosto d'essa senhora,
Se tivesse aqui agora
O seu bello original.

Só com lapis e papel
Como a posso eu retratar ?
Hade por certo ficar
O meu trabalho infiel.

Mas, por não ser incivil
Com quem a tanto me obriga,
Abi vae da sua amiga
Em dois traços o perfil:

Tem cabellos côr de sol,
Da mesma côr os sobrolhos,
E côr do ceu tem os olhos,
Com seu olhar d'arrebol;

Uza de luneta azul,
Mas não é porque os entorte,
E' que, tendo o esquerdo ao norte,
Fica-lhe o direito ao sul.

F. C.

DUAS PALAVRAS

Com este titulo acabamos de receber um breve mas eloquente discurso proferido, em dia de finados, pelo nosso presado amigo e collaborador, sr. Braulio Caldas, á beira da campa de Alfredo José Rabello.

E' um verdadeiro primor de linguagem que não passamos a reproduzir por absoluta falta d'espaco, o que faremos em occasião opportuna para conhecimento das nossas leitoras.

Agradecemos a remessa.

BOLETIM ELEGANTE

Desde o dia 26 até ao dia 30 do corrente fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as} :

Dia 26—D. Maria Barbosa de Souza.

Dia 29—D. Julia dos Anjos Fernandes.

Idem—D. Anna dos Anjos Fernandes.

Dia 30—D. Emilia de Freitas Carneiro.

O CASTELLO MEDIEVAL

I

As centro da floresta, em lago bonançoso,
que o zephiro ao beijar encrespa mansamente,
espelha-se e reflecte a luz meiga, indecisa,
do sol que purpurá as fimbrias do poente.

As arvores sem côr e tristes, desfolhadas,
erguendo os galhos nús aos páramos do azul,
entoam do queixume os lugubres gemidos,
se dobram a cerviz aos vendavaes do sul.

As aves que gorgoem e dormem na espessura,
faudando a madrugada em trilos musicaes,
deixaram desde ha muito a solitaria riba
migrando para longe e não voltando mais!

Na rocha alcantilada, erguida sobre a margem,
não prende em ferreo laço o rapido batel
que outrora recortava a mármura corrente,
levando a castellá e o candido donzel.

Ha quando á noite a luz das cêlicas e campinas
percorre a solidões com lucido cortejo,
ao placido lençol das aguas indolentes
envia tristemente um luminoso beijo.

Nas fragas, mais alem, assenta-se um castello
de longas barbancas e negros torreões :
—colosso de granito, um monstro mutilado—
que embatem rijamente os rábidos tufões.

II

Sentinella vigilante
contra os crentes do Koran
impedira a talação
do alfange scintillante;
e o tredo musulmano,
o devastador insano
dos campos da Lusitania;
fôra sempre repellido
e deixára alli batido
o pendão da Mauritania!

E depois que a voz do Ermita,
invocando a piedade,
arrastára a christandade
à guerra santa, bendita,
abrigára os cavalleiros,
os pagens e escudeiros
que partiram com ardor
para as terras do Levante
à conquista triumphante
do sepulchro do Senhor.

Ali deram-se os amores
de Florinda—a desditosa—
a creança graciosa,
a virgem rival das flores,
que vendo em funesto dia
gentil bardo que tangia
com primor a doce lyra,
votára-lhe ardente amor
e, seguindo o trovador,
do paterno lar fugira!...

Ai ! o velho castellão,
que jamais temera a morte,
ao saber a negra sorte
da donzella, de paixão
se finára deshonrado!...
Só então, abandonado,
o castello ennegreceu,
e, após tanta desventura,
foi por fim a sepultura
d'um servo que lá morren...

III

Agora em noite escura e procellosa
em noites infernaes
escuta-se lá dentro voz piedosa
gemendo acerbos aas...

e uns gritos lancinantes como espadas
e risos de ironia...
as salas do castello illuminadas...
aberta a gelosia!..

Phantasma de mulher surge á janella
e cae na funda valla,
um vulto de guerreiro, perto d'ella,
eterno adeus exhala!..

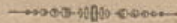
depois mais nada... a sombra do mysterio
envolve aquelle horror,
e o vento, sibilando em tom funereo,
tem notas de pavor!

A bella e seu amante, diz a lenida,
procuraram o perdao,
e o velho, que a vingança quer tremenda,
responde sempre:—Não!

Nas fragas, mais alem, assenta-se um castello
de longas barbancas e negros torreões
—colosso de granito, um monstro mutilado—
que açoutam rudemente os rijos furacões.

1883

EDUARDO CARVALHO.



ENTRE NÓS


Regressaram ha dias de Coimbra
os nossos estimabilissimos amigos
srs. Braulio Caldas e Antonio Leal.
Cumprimentamol-os.

PREMIOS

A benemerita e incansavel Sociedade
Martins Sarmiento, promotora da instruc-
ção popular no concelho de Guimarães,
distribuiu, no dia 9 do corrente, os pre-

mios aos alumnos mais distinctos das es-
colas d'este concelho.

Agradecemos o convite.



DESPEDIDA

Elle era militar o esbelto namorado
Da flor mais attraente e casta do logar;
Tinha-lhe visto, um dia, o melho' olhar magoado
Desde que a vez primeira ella deixou de amar.

V'iram-se e, desde então, n'um intimo abraço,
Viviam a sorrir aquelles corações...
Como as pombas de arminho a esvoaçar no espaço
Voavam pelo azul das meigas illusões...

Mas...um dia fatal, o toqué da alvorada
Vibrou como um punhal no peito do soldado!
Anunciando, alegre, a triste retirada
Do lyrio d'essa flor, do esbelto namorado.

Ella disse-lhe adeus...ficc calcando abrotos...
Sonhos de tanto amor nunca mais posso ter-os...
Se fores para o mar, navega nos meus olhos...
Se te prenderem lá, prende-te aos meus cabellos.

Elle passou-lhe à per'a e vinha tristemente,
Marchando na vanguarda ao rufo do tambor;
E vendo-a suspirou...volveu furtivamente
O derradeiro olhar do seu infinito amor.

Ella ficou chorando, a pallida creança,
Amortalhado em lucto o pobre coração;
Como quem vê tombar a ultima esperanza,
Como quem vê pregar as tabuas de um caixão.

Depois, tirou do seio, arfando de desgosto,
O retrato gentil que ella tanto amava!
E tanto o afagou nos labios e no rosto
Que com o pranto d'ella, elle tambem chorava.

Assim ficou scismando as illusões passadas,
A solitaria flor, a flor da soledade;
Palrava lá no azul o sol, em gargalhadas,
No coração da triste a noite da saudade.

Coimbra, Março de 87.

BRÁULIO CALDAS.



PANTHEISMO

(A' Exm. Sr.ª D. Virgínia d'Abreu)

A's vezes quando penso em horas tenebrosas
No fumo d'esta vida incerta e passageira,
Batem azas, voadoras, umas visões alvas,
Que saucavam minha alma em luminosa esteira.

E julgó ver morrer a pomba,—a minha amada—
Como uma flor pendida... a candlea cecim.
Que um dia muito branca, inanimada, gelada
Hade descer a unir-se á terra, a nossa mãe.

Ovem-se então no longe uns dobras funeraes,
Que me constringem todo em sensações de frio...
Galopam em tropel pensars tumultuarios
Como ao cair do alto as aguas d'algum rio...

Mas oh! não morrerá... A morte é uma illusão
Nada ha que se annulla; apenas a mudança
Que lhe ha-de transformar n'um lyrio o coração
E fará madresilha a sua loira trança.

Os mortos não são mais que germeis d'outras vidas
E no som e na luz, por mil formas diversas,
Em toda a parte existem moleculas desprendidas,
Pedacos do seu ser, particulas dispersas.

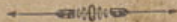
Por isso n'esta lucta ensanguentada a morte
Consigne aniquilar uma só coisa—*a forma*—
A vida reinará bondosa sempre e forte
Porque nada se perde e tudo se transforma.

E no logar aonde hade esconder-se um dia
Aquella que foi sempre a minha aspiração,
Hade irromper a vida em ondas d'alegria
Como lava ao sahir da bocca d'um vulcão.

Hade irromper assim—perenne e triunphante
Em rosas virginaes e brancas margaritas,
E ao vir da primavera em estrear amantes
Hão-de lá lhe fazer o ninho as avesitas...

Coimbra.

Alberto Silveira.



A ALGUEM...

Diz-me em que sec'lo te cazas,
oh! linda pomba sem azas,
que meu peito ainda abrazas
de vivas flammas d'amor?!
Então, oh! rosa singella!
Oh mais bizarra donzella!
Eu talvez largue a tigella,
fulminado pela dôr!!!

Porto, Março de 1887.

B.

«O RECREIO DO POVO»

Agradecemos a este interessante
semanario litterario as phrases de defe-
rencia que nos dirige no seu n.º 6.